

# ALBERTO A

Estrada da Vista Chinesa 741  
Alto da Boa Vista  
20531-410 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ISSN 0103-4944

Vol. 4

30 de setembro de 1997

Nº 20

DIÁRIO DA VIAGEM FEITA EM 1968  
POR OCASIÃO DO XIX CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, CEARÁ\*

Jorge Pedro Pereira Carauta  
FEEMA-Serviço de Ecologia  
Estrada Vista Chinesa, 741  
20531-410 Rio de Janeiro, RJ  
Brasil.

## RESUMO

Em janeiro de 1968, na cidade de Fortaleza, Ceará, realizou-se o XIX Congresso Nacional de Botânica, sob a presidência de Prisco Bezerra, tendo como principais colaboradores: Maria Artemisia B. Arraes, Renato Braga, Manoel M. Ventura e José M. Uchoa. As sessões científicas, conferências e demais atividades regulamentares do evento tiveram lugar no período de 21 a 25 de janeiro. No dia 26, com prindo programação do Congresso, oitenta e cinco congressistas partiram para uma excursão ao Parque Nacional de Ubajara, localizado no quadrante noroeste do território cearense, com visita à Gruta de Ubajara. A maior parte da viagem transcorreu sob chuva. Após uma parada em Sobral, para refeição, a comitiva teve oportunidade de atravessar terrenos sob domínio da "caatinga", até alcançar a borda da chapada arenítica da Serra de Ibiapaba, de grande extensão, quando há mudança radical na fitofisionomia da paisagem. A chegada à cidade de Ubajara deu-se à noite, sob um frio intenso, para espanto de muitos congressistas. No dia seguinte, realizou-se a visita à Gruta

\* Trabalho apresentado no XLVIII Congresso Nacional de Botânica, Crato, Ceará, 1 de agosto de 1997.

de Ubajara, situada a meia encosta da Serra de Ibiapaba, dentro dos limites do Parque, onde são notáveis as exposições calcárias, formações de grutas e escarpas abruptas, em meio a exuberante vegetação nos seus arredores. Em 28 de janeiro os congressistas retornaram a Fortaleza, a fim de participar da Assembléia Geral, que elegeu José Angelo Rizzo como novo presidente. À noite transcorreu a sessão solene de encerramento do Congresso. No dia 30 de janeiro, desligando-se do grupo que retornou de avião ao Rio de Janeiro, este relator empreendeu uma excursão à cidade de Crato, base para uma visita à Chapada de Araripe. Após viagem de três dias, percorrendo terras de Pernambuco e Bahia, a chegada ao Rio ocorreu ao entardecer do dia 4 de fevereiro. Todas as plantas herborizadas durante a viagem acham-se no Herbário Alberto Castellanos (GUA), entre outras destacando-se: *Byrsonima crassifolia*, *Callisthene major*, *Cecropia palmata*, *Cnidoscylus phyllacanthus*, *Ficus calyptroceras*, *F. guyanensis*, *Jatropha pohliana*, *Passiflora circinnata*, *Spondias* sp. e *Urera caracasana*.

Palavras-chave: História da Botânica, Fitogeografia, Ceará, Pernambuco, Bahia.

#### ABSTRACT

TRAVEL JOURNAL DURING THE 1968 NATIONAL BOTANICAL CONGRESS, CEARÁ, BRAZIL. The 19th National Botanical Congress was held in the State of Ceará, Brazil, in 1968. Prisco Bezerra was the president and assisted mainly by Maria Artemisia Braga Arraes, Renato Braga, Manoel M. Ventura and José M. Uchoa. The scientific sessions, conferences and others activities took place from January 21-25. Eighty five participants departed for Ubajara National Park in the north-western quadrant of Ceará on January 26. It rained during most of the trip. After lunch in Sobral, the group traveled through a stretch of "caatinga", to the edge of the huge sandy Ibiapaba tableland, where the landscape changed drastically. We arrived in Ubajara at night and to everyone's astonishment, it was very cold. The following day we visited Ubajara cave, located at midslope of Ibiapaba Sierra, inside the Park, where there are remarkable calcareous outcrops caves and steep cliffs surrounded by luxuriant vegetation. The participants returned to Fortaleza on January 28 for the Society's General Assembly where José Angelo Rizzo was elected as the new president. In the evening, the official closing ceremony of the Congress took place. I then took leave of the group that returned by plane to Rio de Janeiro and went to Crato, home base for a visit to Araripe Plateau, on January 30. After three days travelling through Pernambuco, Bahia and Minas Gerais, I arrived back in Rio on the evening of February 4. The plants collected are kept in the Herbarium Alberto Castellanos (GUA), including *Byrsonima crassifolia*, *Callisthene major*, *Cecropia palmata*, *Cnidoscylus phyllacanthus*, *Ficus calyptroceras*, *Ficus guyanensis*, *Jatropha pohliana*, *Passiflora circinnata*, *Spondias* sp and *Urera caracasana*.

Key words: History of Botany, Phytogeography, Ceará, Pernambuco, Bahia.

Em 19 de janeiro de 1968, às 8 horas da manhã, deixaram o Rio de Janeiro, em um avião da Força Aérea Brasileira, diversos congressistas pertencentes às instituições: Centro de Conservação da Natureza, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Museu Nacional, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UERJ, Instituto Nacional de Química, Herbarium Bradeanum, Universidade Federal Rural e Associação Protetora dos Animais. Os técnicos Creuza de Moraes Chaves, Maria Célia Vianna e Jorge Pedro Pereira Carauta, este relator, representavam o Centro de Conservação da Natureza. O avião levantou vôo do Aeroporto Santos Dumont com um tempo excelente que, para nossa alegria, assim permaneceu até o final da viagem. Para mos ligeiramente em Salvador, Maceió e Recife. O jardim do Aeroporto de Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com a presença de espécies de *Caesalpinia*, *Cecropia* e *Palmae*. A nossa viagem foi feita sempre acompanhando o litoral, exceto no Rio Grande do Norte, onde sobrevoamos parte de seu interior, ocasião em que tivemos oportunidade de observar diversos rios quase secos, sob a aparência de um imenso e serpenteante areal branco com um filete d'água. Vez por outra notávamos um pequeno açude. Finalmente, às 17 horas, aterrissamos em Fortaleza. No saguão do aeroporto já nos esperava o Dr. José da Costa Sacco a fim de nos conduzir, em um ônibus da Universidade do Ceará, aos alojamentos e hotéis em que ficaríamos hospedados. Participamos de um grupo numeroso de congressistas que preferiram o Iracema Plaza Hotel, na Av. Getúlio Vargas, 746.

Durante a noite saímos para conhecer os trabalhos de proteção à famosa Praia de Iracema que vem sofrendo diminuição constante pelo avanço das águas pela terra adentro. Construiu-se um grande quebra-mar, mas em certos trechos da praia as casas da Avenida Litorânea mostram-se parcialmente destruídas e a rua entulhada de areia. Na realidade o que ocorre é um lento porém constante abaixamento do solo em várias partes do litoral Nordeste brasileiro. Na região da Guanabara sucede exatamente o fenômeno geológico oposto; ligeiro soerguimento anual, possibilitando a conquista de novas áreas por meio de sucessivos aterros. Na manhã seguinte fomos em excursão para Messejana, em companhia de alguns congressistas do Rio e São Paulo. Uns 10 minutos após sairmos de Fortaleza já começamos a notar extensos carnaubais (*Copernicia prunifera*), de não muito belo aspecto, pois as palmeiras se achavam despojadas de folhas, em virtude da coleta das mesmas para a retirada da cera. Em quase todas as residências era comum se ver, no terreno em frente ou no quintal, cajueiros (*Anacardium occidentale*) e mangueiras (*Mangifera indica*). Notamos à beira da estrada muitos exemplares de Bombacaceae em frutificação. Perto da Lagoa de Messejana observamos um apuí (*Ficus nymphaeifolia*) e laurel-da-índia (*Ficus microcarpa*). Subitamente caíram fortes chuvas, depressa se transformando em verdadeiro dilúvio! Procuramos nos abrigar até que passasse a tempestade, mas somente à tarde pudemos continuar nossa caminhada em Messejana, ocasião em que herboreizamos *Plumeria* cf. *sucuuba* e a *Cecropia palmata* (Fig. 1). Esta em baúba apresentava uma tal quantidade de formigas Azteca que jamais este relator vira em outra *Cecropia*; ao galgar o caule, calculei mais de 5000 em meu corpo, sem poupar nem mesmo a boca e as pálpebras! A estípula espatulada terminal era vermelha e as folhas novas rosa-esverdeadas.

No domingo, 21 de janeiro, dirigimo-nos à Faculdade de Arquitetura onde estavam abertas as inscrições para o Congresso de Botâni-

ca. Após nos inscrevermos, regressamos ao hotel para cuidar do material herborizado na excursão de Messejana.

À noite foi solenemente instalado o Congresso no Auditório Castelo Branco, da Reitoria da Universidade do Ceará, ouvindo-se a palavra do Dr. Renato Braga, vice-reitor da Universidade; Dr. Honório da Costa Monteiro Filho, Dr. Gil de Sobral Pinto e Prof. Luiz Emydio de Mello Filho, encerrando-se a sessão pelo Presidente, Prof. Prisco Bezerra.

Segunda-feira, 22 de janeiro, foi destinada às sessões sobre o Ensino da Botânica, no Auditório Castelo Branco. Os trabalhos foram presididos pelo Dr. Dárdano de Andrade Lima e secretariados pela Dra. Bertha Lange de Morretes, quando este relator apresentou uma contribuição sobre o tema: o ensino da Fotossíntese no Curso Primário Supletivo. À noite foi servido um coquetel aos congressistas, nos salões da Reitoria da Universidade.

Aproveitamos o dia seguinte, terça-feira, para uma excursão a Messejana. O tempo se apresentava melhor do que da vez anterior em que fomos ao mesmo local e assim pudemos fotografar as árvores e paisagens mais típicas da região. Encontrávamos a todo instante carnaubeira, cajueiro, sapotizeiro e genipapeiro. Visitamos o sítio do Prof. Edilson Mendes, o Parque onde existe a velha casa do escritor José de Alencar (há intenção de criar um Jardim Botânico nessa área) e as salinas do Rio Cocó. Herborizamos *Byrsonima crassifolia*, *Ficus guyanensis*, *F. calyptroceras*, *Cecropia pachystachia* e uma *Apocyna* - ceae. No regresso ao hotel aproveitamos para fotografar um gigantesco baobá (*Adansonia digitata*) existente no Passeio Público de Fortaleza e também para visitar o imenso pomar da Sé, onde colhemos material da árvore-da-fruta-pão (*Artocarpus altilis*), no intuito de utilizá-lo na exposição que iríamos fazer no dia seguinte.

À noite assistimos às conferências do Dr. José Cândido de Mello Carvalho sobre uma viagem ao Território Federal do Amapá e do Dr. Gil de Sobral Pinto a respeito de sua reforma administrativa no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Na quarta-feira, 24 de janeiro, passamos toda a manhã cuidando das plantas coletadas no dia anterior. À tarde comparecemos à Sessão de Botânica Sistemática a fim de apresentar o trabalho: UM PROBLEMA NOMENCLATORIAL EM ESPÉCIE DE *ARTOCARPUS*; a referida sessão teve a presidência do Dr. Honório da Costa Monteiro Filho, este secretariado pelo Dr. José da Costa Sacco. O tema por nós apresentado suscitou muitos debates, contra e a favor; finalmente foi aprovada a sua inclusão nos Anais do Congresso.

Dia 25 de janeiro, quinta-feira, saímos em um ônibus da Universidade do Ceará rumo à Serra de Maranguape.

A floresta de Maranguape cresce em local úmido, recebendo chuvas periódicas que favorecem o aparecimento de uma vegetação luxuriante. Observamos plantas das famílias Polypodiaceae, Moraceae, Urticaceae, Polygonaceae, Euphorbiaceae, Musaceae e Anacardiaceae. De volta ao hotel dedicamos o resto do dia na preparação e cuidados com o material colhido em excursão.

Sexta-feira, 26 de janeiro, cerca de 85 congressistas partiram

de Fortaleza rumo a Ubajara, nas proximidades do limite com o Estado do Piauí, em diversas viaturas da Universidade do Ceará, por volta das 9 horas. Deixando atrás de nós um belo carnaubal, passamos por Caucaia e, logo mais adiante, se descortinava a vistosa Serra das Araras. Na primeira parada de coleta tivemos oportunidade de ver o conhecido xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), de caule roliço e se esgalhando rente ao chão. Havia diversos arbustos floridos em virtude de nos encontrarmos na estação hídrica ou inverno nortestino, sujeito a chuvas periódicas. Às 10h30 passamos pela cidade de Croatã. De tempos em tempos caía uma ligeira pancada de chuva. A vegetação observada à margem da estrada era uma das múltiplas variedades de caatinga: desfilavam diante dos nossos olhos comunidades contínuas de arbustos muitíssimo esgalhados e verdejantes. O solo se apresentava quase desprovido do tapete herbáceo.

Passamos pela Serra de Uruburetana, vendo em flor *Jatropha pohliana*; depois Patos e Itapagé. Em todos os lugares por onde passávamos era vendida em saquinhos a siriguela (*Spondias purpurea*), frutinhas saborosas.

À tarde vimos um outro tipo de caatinga. Eram comunidades abertas de elementos xerófilos, retorcidos, espinhentos e em densas touceiras. Predominavam as cactáceas suculentas e *Euphorbiaceae*. A planta mais característica era o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), raramente observado na parte da manhã, nos locais por onde passamos.

Com a aproximação do Açude Forquilha a vegetação mudou por completo: um oásis verdejante surgia aos nossos olhos. Nas pequenas fazendas cultivavam-se árvores frutíferas, mandioca, sisal, palma-forrageira e outras que não pudemos reconhecer. Abrindo um parêntese, convém ressaltar o cuidado inteligente com que o sertanejo constrói sua residência, ampla, de vários cômodos e invariavelmente circundada por alpendres. Mesmo os agricultores pobres, morando em casas de adobe, possuem uma grande varanda protegida pelas folhas da canaúba.

Em Sobral, onde paramos para o almoço, chovia copiosamente. Assim que saltamos do ônibus observamos no chão um enorme besouro de cor bruno-escura e de movimentos lentos, com a aparência de um cecimbrício do gênero *Callipogon*. Ao segurá-lo pelo tórax, com o polegar e o indicador, fui alertado por um cearense sobre a periculosidade de sua picada; segundo ele, extremamente dolorosa. Em seguida a esse prudente aviso, soltei o inseto no ar deixando-o em liberdade.

A prefeitura de Sobral ofereceu um lanche aos 85 congressistas e, após a refeição, um sacerdote do lugar, Pe. Lyra, ministrou uma conferência sobre a história da cidade e seu progresso na época atual. Visitamos depois o Museu de Arte Sacra, considerado o quarto do Brasil em quantidade e qualidade de peças expostas.

Observamos pelos arredores da cidade exemplares da oiticica (*Couepia grandiflora*), cujas sementes oleaginosas apresentam notável valor econômico. Uma delas era de copa tão ampla que alguns meninos jogavam pelada sob a sua sombra protetora.

Prosseguimos viagem em meio à caatinga até a paisagem mudar por

completo em virtude da aproximação da Serra de Ibiapaba. Na ascensão notamos a presença de mata pluvial, semelhante à da Serra de Maranhão, perto de Fortaleza.

A Serra de Ibiapaba, onde ora nos encontrávamos, forma uma vastíssima chapada de superfície plana na zona confinante do Piauí com o Ceará. O maciço serve de divisor de águas do Rio Parnaíba com os rios da vertente do Ceará. Geologicamente o corpo da montanha consta de um formidável depósito de rochas sedimentares e sua altura varia de 100 a 700 m.

Chegamos a Ubajara ao anoitecer e logo prensamos *Callisthene major*, herborizado em Capuã. O frio era intenso, ventava muito, chuviscava e denso nevoeiro envolvia a cidade. Parecia estarmos em Petrópolis ou Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro! Sendo grande o número de congressistas, não houve possibilidade de ficarmos todos em um mesmo local. De nossa parte nos alojamos muito bem em uma casa grande, estilo colonial, em frente à igreja, com redes suficientes para todos dormirem sossegados.

Sábado, 27 de janeiro, acordamos ao repicar os sinos da igreja. Logo depois fizemos todos os preparativos necessários à excursão que iríamos realizar à Gruta de Ubajara e saímos da cidade no ônibus da Universidade Federal do Ceará. Rodamos uns 5 km em estrada de terra, lama e cascalhos, para atolar um pouco adiante. Não havendo jeito de prosseguir a subida na viatura, fomos obrigados a saltar e continuar a pé. Observamos à beira da estrada diversos exemplares da jaca-jasmim, mangueiras e plantas nativas pertencentes às famílias *Moraceae*, *Palmae*, *Gramineae*, *Solanaceae* e *Euphorbiaceae*. Muito curiosa era uma *Araceae* do gênero *Taccarum*.

A estrada nos levou, em subida suave, até o alto da serra e, a partir daí, iniciamos a descida por um caminho estreito com um calçamento do tipo "pé-de-moleque", dentro já da área do Parque Nacional de Ubajara. A vegetação mostrava-se luxuriante, típica de mata pluvial. Inúmeras palmeiras davam um cunho especial nordestino à floresta. Vários córregos desciam pelas encostas, crescendo nas suas proximidades samambaias das famílias *Polypodiaceae* e *Sellaginellaceae*, assim como *Aristolochiaceae*, *Piperaceae* e *Urticaceae*, das quais herborizamos: *Boehmeria cylindrica* e *Urera caracasana*. As embaúbas cresciam nos locais mais abertos da mata, todavia sua altura era tal que ficamos impossibilitados de colher o que quer que fosse. Bem próximo a uma cascata havia um pau-de-jangada em fruto (*Apeiba tibourbou*). Num altitude de 200 a 300 m/s.m. paramos em frente à casa mais próxima da entrada da gruta. Um dos guias locais, chamado Macedo, ficou ali aguardando os outros grupos de congressistas que viriam depois de nós, enquanto que outro cicerone, o guia Walcy, nos mostrava o caminho a ser seguido. Por termos parado na entrada da gruta para herborização, nos atrasamos um pouco, o mesmo acontecendo como Dr. Alceu Lemos de Castro, zoólogo do Museu Nacional, que ali procurava insetos. Decidimos, então, com a ajuda das nossas lanternas de pilha, tentar alcançar o grupo de uns 8 congressistas que já haviam penetrado na caverna. Logo de início percebemos enormes estalactites de origem calcárea. Iniciamos a caminhada em uma rampa suave, ainda em local iluminado, para logo continuar em declive mais abrupto, já em plena escuridão, com visível inclinação para a esquerda. Após uns dez minutos de ansiosa expectativa, andando em meio a enormes blocos

rochosos, vislumbramos o intenso foco luminoso do lampião. "Aladim" brilhando nas mãos do guia Walcy. Aos gritos, solicitamos que nos esperassem um pouco, no que fomos prontamente atendidos; observamos então, para nossa alegria, um dos mais belos espetáculos que a Natureza pode oferecer ao homem! Acabávamos de entrar em um enorme salão cujo teto se erguia a mais de 15 metros acima das nossas cabeças. Graças à luz intensíssima do lampião distinguíamos perfeitamente blocos calcáreos das mais variadas formas e brilhos...

À proporção que avançávamos no interior da gruta o nosso guia chamava a atenção para curiosas formações calcáreas: o rei, a rainha, o forno, o dragão; todavia, a maior beleza da caverna era talvez o fato de conservar ainda o aspecto natural, sem as destruições, ou melhor, os vandalismos tão comuns em muitas das nossas mais famosas grutas, como as de Rio Preto, em Minas Gerais, por exemplo. Mas voltando à majestosa lapa de Ubajara, mal pudemos conter o espanto ao avistar dentro de um espaçoso salão um interessante aglomerado calcáreo em forma de cabana indígena circular, com uns 5 m de diâmetro na base e 3 m de altura. Sua parte externa lembrava as ondulações da concha de um molusco do gênero *Arca*, com inúmeros pontos brilhantes à luz do lampião. Tratava-se da Maloca. Penetramos em seu interior através de uma pequena abertura e notamos que as paredes internas eram tão onduladas quanto as da parte externa, ostentando um prateado cintilante de modo a oferecer magnífico efeito ótico.

Deixando a Maloca para trás, passamos a andar em uma região mais plana e de teto baixo. Aos poucos, as paredes foram se apresentando mais e mais estreitas até atingirmos o último salão com diversas poças d'água. Após um ligeiro descanso, continuamos através de uma galeria medindo 2 m de altura por 3 m de largura e com 1-2 palmos de água no fundo. Era um riacho subterrâneo cujo nível de água, não muito fria, se elevava às vezes até os nossos joelhos. Em um ou outro trecho éramos forçados a abaixar a cabeça ou nos inclinarmos profundamente, em reverência oriental, para não ferirmos a cabeça batendo-a no teto da gruta. Finalmente entramos na sala do Funil, onde bem ao centro havia um pequeno lago com 10 m de diâmetro, de águas pouco profundas. As paredes davam a nítida impressão de nos acharmos dentro de um gigantesco funil cuja parte mais estreita se perdia a uma altura que a luz do lampião não conseguia atingir. Formosos estalactites pendiam da parte mais baixa e de uma parede lateral escorria uma água cristalina alimentando o lago interior. A partir daí o guia nos informou que o terreno se tornava acidentado, sendo mais prudente regressar. Ficou decidido, então, que os outros esperariam dentro do Funil, enquanto que iríamos prosseguir um pouco mais, juntamente com o guia.

Escalamos um paredão de 5 m utilizando como apoio os estalactites e depois penetramos em uma estreita galeria horizontal. Subimos um pouco mais até atingirmos um compartimento mais largo à beira do qual se vislumbrava um negro abismo. Apesar da luz do lampião ser muito forte não conseguimos avistar o fundo dessa cova; entretanto, ao jogar pedras, ouvimos barulho de água. Calculamos uma profundidade de 8 a 10 m, no máximo. O guia esclareceu-nos já haver descido por meio de cordas até o fundo do poço e que encontrara outras passagens ainda não exploradas.

Regressamos ao Funil, onde nossos companheiros já esperavam

apreensivos. Voltamos pelo mesmo labirinto com o riacho subterrâneo e, da parte seca em diante, passamos a explorar outros salões onde não havíamos entrado.

Quando nos aproximamos da saída, o guia solicitou que apagássemos todas as luzes pois na curva seguinte apreciaríamos um belíssimo espetáculo. E com razão! Mal as nossas vistas se acostumaram com a escuridão, reparamos um facho luminoso vindo de certa direção que nos permitia caminhar sem dificuldade. Tão logo demos alguns passos, surgiu a imponente entrada da Gruta de Ubajara, emoldurada por estalactites ostentando as cores mais diversas... Ao sairmos à luz do dia é que atentamos para o estado lastimável das nossas roupas: encontravam-se imundas!

Aproveitamos a volta tirando fotografias das paisagens mais características do Parque Nacional de Ubajara.

Dia 28 de janeiro, domingo, deixamos Ubajara pela manhã. Pouco depois passamos por Ibiapina e São Benedito. Na primeira parada que fizemos para coleta de plantas, ao penetrar na caatinga, pisamos inadvertidamente em um formigueiro o que nos fez sofrer um ataque imediato de himenópteros negros, maiores do que a saúva, muito rápidos em seus movimentos. Como usávamos sandálias sofremos as ferroadas com toda a sua intensidade em um dos pés, que inchou, persistindo de uma dor intensa por mais de 4 horas.

Atravessamos Guaraciara do Norte, Várzea do Giló e Ipu. Parte do grande Açude Araras, na localidade de Rerituba, almoçamos tendo por cardápio uma típica comida cearense. Continuando viagem atingimos Sobral, onde chovia copiosamente, e daí por diante seguimos até Fortaleza pelo mesmo itinerário da vinda.

Segunda-feira, 29 de janeiro, nos mudamos para o Hotel Expresso Cearense, ao lado da Rodoviária.

Na Assembléia Geral foi eleito novo Presidente da Sociedade Brasileira de Botânica - Professor José Ângelo Rizzo, da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Farmácia, em Goiânia.

Dedicamos o resto do dia no preparo do material herborizado em Ubajara. À noite teve lugar o jantar de despedida no restaurante do Clube Barra do Ceará. Por sugestão de alguns congressistas foi reaberta a Assembléia Geral durante 20 minutos, aproximadamente, para tratar de assuntos pendentes na reunião diurna.

Após a palavra do Dr. Renato Braga deu-se por encerrado o XIX Congresso da Sociedade Botânica do Brasil.

Terça-feira, 30 de janeiro, partimos às 5h15 em um ônibus da empresa Expresso de Luxo (Rua Senador Pompeu, 474, Fortaleza, CE). Atravessamos Messejana, Pacajus, Cristais e Boqueirão de Cesário. A mata dominante pertencia ao complexo da caatinga, surgindo extensos carnaubais nos lugares de maior umidade. Às 9 horas cruzamos o grande Rio Jaguaribe. Depois da cidade do mesmo nome, Jaguaribe, cessou por completo o asfalto para só reaparecer muito mais ao sul, em Feira de Santana, na Bahia.



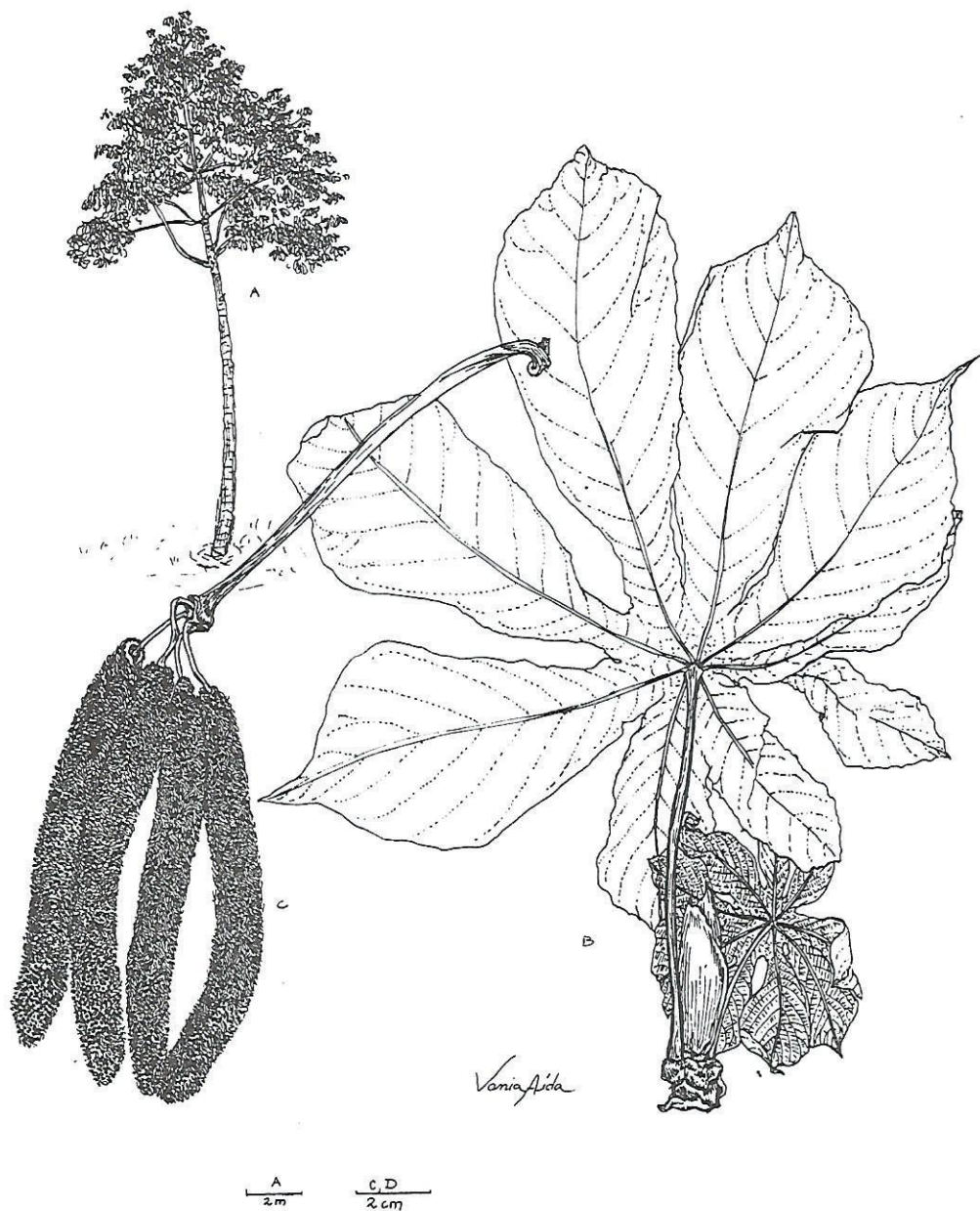


Fig. 1. *Cecropia palmata* Willdenow (Moraceae, sensu lato). Embaúba de Messejana, Ceará.

Em Icó, onde almoçamos, reparei, pessoas com as marcas de varíola no rosto. Na localidade de São Francisco aproveitei ligeira para da do ônibus para herborizar flores e frutos de uma grande árvore, o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*). À tardinha, chegamos ao Crato ficando hospedado no Hotel Paulo Frota, o único.

Na manhã seguinte saímos bem cedo em excursão para conhecer a Chapada do Araripe.

A cidade do Crato, uma das melhores do Ceará, fica situada ao sopé da serra, em região privilegiada por causa das chuvas constantes durante todo o ano. Há intensa atividade comercial e algumas indústrias. A agricultura é florescente. Há uma estrada asfaltada que vai de Juazeiro do Norte, passando por Crato, até o aeroporto existente no alto da Chapada. O tráfego de ônibus, carros e caminhões é constante através dessa estrada. Subimos de táxi pela encosta até o planalto, parando em um local onde a floresta se mostrava mais densa. Passamos a herborizar descendo em direção ao Crato. A mata era úmida, bem mais pujante do que a do Parque Nacional de Ubajara. Chamaram-me a atenção várias espécies de Melastomataceae, Solanaceae, Moraceae, Leguminosae e Malpighiaceae. Comuníssima era uma Turne-raceae de flores amarelo-esbranquiçadas, às vezes em associação com *Passiflora circinata*. No local denominado Pedra da Batateira avista va-se todo o vale, tanto a cidade do Crato quanto a de Juazeiro do Norte. Na ocasião em que herborizamos uma *Cecropia palmata*, com estípulas terminais vermelhas, um garoto ofereceu-se para me auxiliar na coleta. Havíamos apanhado um ramo da árvore feminina, mas seria quase impossível cortar um galho da masculina sem ajuda de alguém; tratava-se de um exemplar bastante alto.

Por acaso reparei no pescoço do meu prestimoso auxiliar, uma dermatose com extensão maior do que um palmo. Ao perceber a minha curiosidade disse ele haver sido atacado por um potô, besouro comum na região. Lamentei bastante haver esquecido no quarto do hotel o tubo de picrato de butesin. Esse coleóptero, da família Staphylinidae, pertence ao gênero *Paederus*, e tem a propriedade de lançar uma secreção cáustica como defesa a qualquer ataque. Mais abaixo, a uma altitude aproximada de 300 metros, ainda dentro da mata, havia um pequeno povoado, porém desse local em diante já surgiam terrenos cultivados com mandioca, banana, entremeados de enormes mangueiras. Já estávamos tão carregados de plantas que aceitamos a carona de um jeep vindo da direção do aeroporto.

Aproveitamos o tempo ainda disponível para conhecer a cidade de Juazeiro do Norte, situada a 13 km de distância do Crato. A todo instante partiam lotações estabelecendo comunicação entre as duas cidades, mesmo à noite, o que nos possibilitou realizar o passeio.

Juazeiro do Norte é bem mais quente do que o Crato, por estar a maior distância da agradável Chapada do Araripe. Uma das praças do centro da cidade era muito bem arborizada com buritis (*Mauritia flexuosa*) de grande porte. Muitos eram osromeiros em peregrinação ao túmulo do Padre Cícero Romão Batista, venerado como santo, falecido em 1934 aos 90 anos. O Museu do Padre Cícero, existente na cidade, é mais uma amostra do Nordeste do que propriamente religiosa: são 12 salas com objetos de artesanato, animais empalhados, louças, móveis toscos e pertencentes de uso pessoal do Padre Cícero, tais como

roupas, livros e utensílios de trabalho, os quais não chegavam a ocupar 2 salas. Era grande o afluxo de visitantes oriundos de vários estados nordestinos, todos entrando com os pés descalços, por respeito ao ambiente. De regresso ao Crato, preparamos as plantas coletadas de modo a prosseguir viagem no dia seguinte.

Em 1º de fevereiro, quinta-feira, partimos às 6 horas em ônibus que iria para Maceió, Alagoas. Entre Crato e a cidade de Barbalha a vimos muitas fazendas com canaviais (*Sacharum officinarum*) e babaquais (*Copernicia prunifera*); entre as propriedades particulares era comum o uso de cercas vivas de aveloz (*Euphorbia tirucalli*), planta asiática. Atravessamos Brejo Santo e Jati, deste local em diante a paisagem da caatinga passou a ser constante. Ao meio-dia paramos em Salgueiro, Pernambuco, debaixo de um sol abrasador. A vegetação que agora apreciávamos era bem distinta da do Ceará: em lugar da mata densa de arbustos percebíamos uma grande predominância das plantas suculentas. O solo era pedregoso, desprovido de tapete herbáceo; à beira da estrada distinguíamos a macambira (*Bromelia laciniosa*), o mandacaru (*Cereus peruvianus*), o facheiro (*Cereus squamosus*), o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) e a favela (*Jatropha phyllacantha*). Em Riacho Pequeno passou por nós um grupo de vaqueiros com as suas típicas roupas de couro, proteção mais adequada contra a vegetação agreste da caatinga. Por volta das três horas da tarde saltamos em Belém do São Francisco, ainda em Pernambuco, para observar com atenção as plantas da margem do Rio São Francisco.

Belém do São Francisco fica situada a uns 3 km do maior rio genuinamente brasileiro. A mata é típica da caatinga, não se beneficiando da umidade fornecida pelo enorme caudal. O solo é muito poroso, cheio de cascalhos, com raros arbustos isolados. Havia duas espécies de Euphorbiaceae com flores amarelas, comuns até quase à beira d'água. Como invasora ocorria o charuto-do-rei (*Nicotiana glauca*), cujas folhas de cor verde-glaucoso sobressaíam em meio aos outros elementos da caatinga.

Atravessamos o Rio São Francisco de balsa; uma das quatro que mantém ligação entre Belém de São Francisco, Pernambuco, e Barra do Tarrachil, pequena vila bem à margem do rio, na Bahia. Prosseguimos viagem em uma pick-up em direção a Macururé, mais 50 km ao sul, onde chegamos ao entardecer. Aproveitamos o pouco de luz que ainda havia para herborizar a favela (*Jatropha phyllacantha*), sempre vista à beira da estrada entre Tarrachil e Macururé.

Na sexta-feira, 2 de fevereiro, levantamos cedo para examinar com minúcia os arredores de Macururé. A região era extremamente pobre, em meio a uma caatinga do tipo arbustivo-espinhenta. A água para o consumo da população era retirada de uma cacimba. Ficamos sobre modo comovidos com a hospitalidade e mesmo auxílios recebidos nos trabalhos de herborização por parte do povo local. Às 8h30 deixamos Macururé em um caminhão carregado de minério de gesso, com destino a São Paulo. A vegetação continuava a mesma: frequentes os pequenos e grandes arbustos, em geral espinhentos, muitas vezes formando moitas de 3 a 4 m de altura. Era abundante mais característica da paisagem sobressaía, de aspecto solene, o facheiro (*Cereus squamosus*), alto, com seus numerosos ramos apontando para o céu, crescendo em solo raso e cascalhento. Outra cactaceae encontrada era o mandacaru (*Cereus peruvianus*), erecto e simples, com uma ou outra ramificação, em con-



Fig. 2. Roteiro terrestre do percurso de Ubajara, Ceará, ao Rio de Janeiro (linha dupla).

traste com o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) se esgalhando rente ao chão. No percurso entre Macururé e Canudos tivemos a oportunidade de observar a caatinga de aspecto mais desértico de toda a viagem!

Em Canudos paramos algum tempo para mudar o papel das plantas coletadas. Visitamos depois o Museu da Guerra dos Canudos, de propriedade particular. A exposição, dentro de um bar, se limitava a um punhado de armas e apetrechos de guerra, vendida cada peça a 4 ou 5 cruzeiros; uma ninharia.

Continuamos viagem em outro caminhão até Tucano, passando pela cidade Euclides da Cunha. A vegetação mudara completamente. No solo já se notava uma cobertura total de ervas e arbustos bem viçosos. Depois de Euclides da Cunha passaram a cair sucessivas pancadas de chuva e a ventar continuamente. Em Tucano resolvemos passar a noite. Assim que entramos no quarto da hospedaria, de chão batido, fomos obrigados a expulsar um escorpião (*Rhopalurus* sp) e, no local de banho, um enorme sapo (*Bufo* sp) com quase o dobro do tamanho de uma preá. Portas não havia.

No sábado, 3 de fevereiro, acordamos sentindo uma extrema fadiga, motivada não só pelos trabalhos de campo, mas principalmente pela mudança de alimentação a que ficamos sujeitos desde a partida de Fortaleza, no Ceará. No entroncamento com a estrada de Paulo Afonso conseguimos lugar em um ônibus vindo de Garanhuns. Atravessamos Araci e Serrinha, saltando em Feira de Santana, onde obtivemos passagem para o Rio de Janeiro em outro ônibus vindo de Aracaju.

No domingo, 4 de fevereiro, amanhecemos em Governador Valadares, Minas Gerais e só chegamos de regresso ao Rio de Janeiro no fim da tarde (Fig. 2).

Este relator é muito grato a todos que apresentaram sugestões para melhorar o texto, principalmente Maria da Glória Carauta, Henri que Ferreira Martins, Alceo Magnanini, Denise Flores, Raymond Harley, Dorothy Araújo, assim como a Vania Aida pelo desenho de *Cecropia pal mata*.

## CRÔNICA

### ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TAXONOMIA BIOLÓGICA, NOVA ENTIDADE AMBIENTAL

Por ocasião do II Encontro de Taxonomia Biológica no Brasil, durante a Quadragésima Nona Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, Minas Gerais, reuniram-se taxônomos brasileiros para discutir as metas da ABTB, fundada em 3 de junho de 1997. Destacou-se a cooperação entre taxônomos, apoio a trabalhos que concorram para o crescimento dos herbários e coleções zoológicas e ainda o favorecer pesquisas taxonômicas que contribuam para defender a biodiversidade de nosso país.

## ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL PARA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TAXONOMIA BIOLÓGICA

Aos três dias do mês de junho de mil novecentos e noventa e sete, no auditório da Biblioteca do Museu Nacional, Rio de Janeiro, sob a presidência de Jorge Pedro Pereira Carauta, secretariada por Cláudia Bessa Diniz de Menezes, presentes: Arnaldo Campos dos Santos Coelho, Denise Flores Lima, Elsie Franklin Guimarães, Frieda Maria Marti, Gustavo Wilson Nunan, Iranilda Calado Santana, Jorge Fontella Pereira, José P. Pombal Júnior, Júlio César Monteiro, Lúcio Heron Pereira da Costa, Luiz Sérgio Pereira Sarahyba, Marcovan Porto, Maria Célia Vianna e Norma Campos Salgado, foi aberta a Assembléia Geral de Fundação da Associação Brasileira de Taxonomia Biológica às quatorze horas. Apresentaram-se as seguintes justificativas para a existência dessa nova entidade. o reduzido número de taxonomistas para trabalhar com a imensa biota do país; necessidade de incentivo aos jovens para as pesquisas taxonômicas através de uma jornada anual voltada para o campo e também com várias sessões científicas no decorrer do ano; necessidade de apoio a projetos taxonômicos e contra a perda de biodiversidade em plantas nativas e animais silvestres; o fato de quanto menor o número de taxonomistas no Brasil, mais duvidosa será a determinação das espécies, em virtude do acúmulo de responsabilidades a um pequeno grupo de pesquisadores; a perda de biodiversidade de uma área poderá ocorrer pela falta de um conhecimento taxonômico que pudesse justificar, juridicamente, a proteção dessa área; somente quando houver um número suficiente de homeótipos, propostos por brasileiros e mantidos em nosso país, será possível revisar tranquilamente um táxon; a ciência taxonômica é a base de todas as outras, as unidades biológicas devem ser definidas taxonomicamente, se elas não têm essa definição formal ou não foram descritas, ou se acham mal-descritas, não podem ser objeto de manejo conservacionista; por fim a próxima união mundial da nomenclatura botânica e zoológica e a necessidade de taxônomos numerosos para colaborar na base das pesquisas de nutrição, atividades químico-farmacêuticas, na Edafologia, biotecnia genética, no campo industrial, educativo e quaisquer projetos de biota. Em continuação da Assembléia foi lido e aprovado o seguinte texto: **“ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TAXONOMIA BIOLÓGICA - ARTIGO PRIMEIRO – NOME –** A Associação Brasileira de Taxonomia Biológica (ABTB), fundada em 3 de junho de 1997, com sede na cidade do Rio de Janeiro, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, regida pelo presente Estatuto, congrega taxônomos com trabalhos publicados, atividades didáticas ou pesquisa de campo, horto, laboratório ou biotério, em Taxonomia e Biodiversidade. **ARTIGO SEGUNDO – OBJETIVOS –** Os objetivos da ABTB são os seguintes: 1. Estreitar a cooperação e laços entre os taxônomos. 2. Apoiar trabalhos que concorram para o crescimento dos herbários e coleções zoológicas. 3. Esclarecer problemas nomenclaturais. 4. Favorecer, encorajar e promover pesquisas taxonômicas que contribuam para defender a biodiversidade das espécies do país. 5 . Exigir o cumprimento da legislação ambiental vigente para a conservação da biodiversidade, inclusive, em litisconsórcio. 6 . Aplicar integralmente suas rendas, recursos e eventual resultado operacional na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais no território nacional. **ARTIGO TERCEIRO – LEMA -** O lema da ABTB é *Leges eius servant* (guardem as suas leis – Salmo 104:45), com triplo sentido: guardar as leis da nomenclatura biológicas, guardar as leis ambientais e guardar as leis divinas. **ARTIGO QUARTO – SÓCIOS –** 1. A ABTB é constituída por sócios efetivos contribuintes, os que pagam anuidade (correspondente ao período de janeiro a dezembro); **honorários, taxônomos**

notáveis do Brasil, limitados a 6(seis) botânicos e 6(seis) zoólogos, **correspondentes**, taxônomos notáveis do exterior, limitados a 3(três) botânicos e 3(três) zoólogos, **remidos**, quando contribuírem, de uma só vez, com a importância mínima equivalente a 50 (cinquenta) vezes a anuidade vigente na ocasião do pagamento, **beneméritos**, quando tenham contribuído, de uma só vez, com a importância mínima equivalente 100 (cem) vezes a anuidade vigente na ocasião do pagamento, ou tenham prestado benefícios à ABTB em donativos ou serviços especiais, **fundadores**, os admitidos de junho a agosto de 1997.

2. Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais da ABTB. 3. É vedado aos sócios envolver a Associação em matéria que fira os seus objetivos ou implique sua participação em questões meramente político-partidários ou ideológicos. 4. São direitos dos sócios da ABTB: a) Propor novos sócios. b) Comparecer e votar nas Assembléias Gerais. c) Ser eleito ou escolhido para quaisquer cargos. d) Receber as publicações da ABTB. e) Participar das Sessões Científicas e da Jornada de Biologia. 5. São deveres dos sócios da ABTB: a) Respeitar o Estatuto bem como as deliberações da Assembléia Geral. b) Manter em dia o pagamento das contribuições. c) Exercer diligentemente os cargos para os quais tenham sido eleitos ou designados. d) Colaborar, quando solicitado, com as iniciativas da ABTB.

**ARTIGO V – ADMINISTRAÇÃO** – 1. A diretoria da ABTB é composta pelo Presidente, Vice-Presidente (eleitos em Assembléia Geral), Primeiro Secretário-Tesoureiro, Segundo Secretário-Tesoureiro e Secretário Geral. 2. A Assembléia Geral destina-se a tomar contas e deliberar sobre as demonstrações financeiras, examinar e discutir o relatório de atividades elaboradas pela diretoria e eleger o presidente e vice-presidente. 3. O Presidente e o Vice-Presidente, eleitos durante a Assembléia Geral, exercerão os seus mandatos até a posse efetiva de seus sucessores. 4. Os demais membros da diretoria serão nomeados pela Presidência. 5. A Presidência poderá designar todos os assessores e auxiliares que julgar necessário, inclusive para Taxonomia Vegetal e Taxonomia Animal, mas é vedada a nomeação parentes consanguíneos afins até terceiro grau. 6. Todos os cargos da ABTB serão exercidos sem remuneração e também nenhum associado poderá usufruir, a qualquer título, de vantagens e benefícios financeiros da Associação. 7. Compete ao Presidente: a) Representar a Associação em juízo e fora dele. b) Admitir novos sócios. c) Presidir as reuniões da Diretoria e Assembléia Gerais. d) Dirigir as atividades gerais da ABTB. 8. Ao Vice-Presidente incumbe substituir o Presidente nos seus impedimentos. 9. Ao Primeiro Secretário-Tesoureiro incumbe secretariar as reuniões da Diretoria e das Assembléias Gerais; manter em dia os serviços da Tesouraria e prestar contas à Diretoria, quando solicitado. 10. Ao Segundo Secretário-Tesoureiro incumbe colaborar com o Primeiro Secretário-Tesoureiro e substituí-lo em seus impedimentos. 11. Ao Secretário Geral compete: a) Coordenar as atividades da ABTB. b) Manter fichários e arquivar documentos. c) Representar a Diretoria, quando necessário, sendo procurador da ABTB na cidade do Rio de Janeiro quando a presidência estiver em outra cidade.

**ARTIGO VI – JORNADA E SESSÕES CIENTÍFICAS** – 1. A Reunião Anual com Jornada de Biologia será preferencialmente em outubro, com Assembléia Geral para a eleição do Presidente e Vice-Presidente, mas sobretudo direcionada para as excursões e encontros sociais. 2. Sessões científicas poderão ocorrer durante todo o ano de modo que a Jornada de Biologia da ABTB fique mais voltada para as atividades de campo e sociais. 3. Cada participante das sessões científicas poderá enviar um resumo e a inscrição até 50 (cinquenta) dias antes, devendo constar sempre, no texto, a categoria conservacionista se o trabalho for a nível de espécie. 4. Após a apresentação, o trabalho será submetido a discussão para ser aprovado ou não, de acordo com o parecer final existente na ata da respectiva sessão técnica.

**ARTIGO VII – SEÇÕES** – Seções da ABTB poderão existir em quaisquer cidade do Brasil, desde que seu Regimento Interno seja aprovado pela Presidência da Associação.

**ARTIGO VIII – PATRIMÔNIO E DISSOLUÇÃO** – 1. O patrimônio da ABTB será composto: a) Pelas contribuições e

doações recebidas de pessoas físicas ou jurídicas. b) Por subvenções e legados oferecidos à ABTB e aceitos pela Presidência. c) Pelo produto das contribuições recebidas por serviços prestados a terceiros. 2. A ABTB poderá ser extinta, a qualquer tempo, por deliberação de seus membros em Assembléia Geral Extraordinária, exigindo-se para a decisão os votos favoráveis de dois terços dos sócios efetivos presentes, não sendo permitida a votação por procuração. 3. No caso da dissolução da ABTB, por deliberação entre os seus membros, o patrimônio será revertido para uma instituição científica brasileira congênera, designada pela Assembléia. **ARTIGO IX – REFORMA DO ESTATUTO** – A reforma deste Estatuto somente poderá ocorrer por deliberação de Assembléia Geral Extraordinária exigindo-se para a decisão, os votos favoráveis da maioria simples dos sócios presentes e em condições estatutárias para votar, não sendo permitido votação por intermédio de procuração. **ARTIGO X – CASOS OMISSOS** – Todos os casos omissos neste Estatuto serão solucionados pela Presidência ou assessores por ela designados. **TERMO ADITIVO** – O primeiro Presidente e o primeiro Vice-Presidente da ABTB, eleitos na Assembléia Geral realizada no Museu Nacional, Rio de Janeiro, em 3 de junho de 1997, terão os seus mandatos até a Jornada de Biologia da ABTB, em outubro deste mesmo ano, quando será eleita nova diretoria da ABTB ou, em caráter excepcional, prorrogado o mandato até outubro de 1998”. Após a leitura e aprovação deste Estatuto, ocorreu a eleição para a Presidência e Vice-Presidência da ABTB, sendo eleita a seguinte chapa, proposta pelo Professor Arnaldo Campos dos Santos Coelho: Presidente – Jorge Pedro Pereira Carauta; Vice-Presidente – Luiz Sérgio Pereira Sarahyba. Estes nomearam como Secretária-Geral – Elizabeth de Souza Ferreira da Rocha; como Primeira Secretária Tesoureira – Cláudia Bessa Diniz de Menezes; como Segunda Secretária-Tesoureira – Maria do Carmo M. Marques. Foi lembrada para a Assembléia o Segundo Encontro de Taxonomia Biológica no Brasil, durante a quadragésima nona reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, Pampulha, UFMG – ICB, auditório quatro, quinze de julho próximo, das 18h às 20h. Marcou-se a Primeira Sessão Científica da ABTB para ser realizada no Serviço de Ecologia Aplicada da FEEMA, Rio de Janeiro, 12 de agosto próximo. Nada mais havendo a tratar, às quinze horas e trinta minutos foi encerrada a Assembléia, da qual, para constar lavrei à presente ata, que subscrevo e vai assinada pelo Senhor Presidente.

#### ALBERTOA

##### Conselho Editorial \* Editorial Advisory Board

Aldemar Faria Coimbra Filho, Alceo Magnanini, Ana Margarida Ribeiro do Amaral Galvão, Ângela Studart da Fonseca Vaz, (Rio de Janeiro), Antônio Krapovickas (Corrientes), Armando T. Hunziker (Córdoba), Arnaldo Campos dos Santos Coelho (Rio de Janeiro), Carmen Lélia Cristóbal (Corrientes), Cecília Rizzini, Elsie Franklin Guimarães (Rio de Janeiro), Gerhard K. Gottsberger (Ulm), Gustavo Wilson Nunan (Rio de Janeiro), Ilse S. Gottsberger (Ulm), Jorge Fontella Pereira (Rio de Janeiro), José Maria de Albuquerque (Belém), José Fernando Pacheco (Rio de Janeiro), Joseph H. Kirkbride Jr. (Betsville), Leslie R. Landrum (Tempe), Lúcia D'Ávila Freire de Carvalho, Marcelo Soares, Marcovan Porto, Maria Auxiliadora Coelho Kaplan, Maria da Conceição Valente (Rio de Janeiro), Maria Cristina Weyland Vieira (Monte Belo), Maria Lisete Lebreiros Coelho Caixinhas (Lisboa), Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo (São Paulo), Roberto Régis Magalhães Pinto (Rio de Janeiro), Sérgio Romaniuc Neto (São Paulo) e William Rodrigues (Curitiba).



CRÔNICA

AYDIL GRAVE DE ANDRADE (1930-1997)

No fim da tarde do domingo, 12 de janeiro de 1997, falecia subitamente a dedicada mestra Aydil Grave de Andrade, após prolongada doença de estenose vascular, mais acentuada nos últimos dois anos.

Aydil nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1930, pouco antes das oito da manhã. Graduou-se em História Natural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, obtendo os graus de bacharel, em 1955 e de licenciatura, em 1956. No ano seguinte frequentou o Curso de Botânica Sistemática, no Museu Nacional, ministrado pelo extinto Professor Alberto Castellanos, aprendendo a respeito das famílias de plantas vasculares, em 1957; metodologia genérica, em 1958; e a pesquisa de espécies, em 1959. Desde o início desse curso escolheu a família Sapotaceae e, mais tarde, já contratada pelo Museu Nacional, trabalhou muito com Anatomia Vegetal e plantas trepadeiras. Adquiriu novas técnicas com a Professora Bertha Lange de Morretes, na Universidade Federal de São Paulo, para aplicá-las nas suas aulas a graduandos, pós-graduandos e estagiários. Embora entregue às pesquisas em Sapotaceae, a verdadeira vocação da Aydil foi a do magistério superior e formação de novas gerações de taxonomistas e anatomistas, como Ângela Maria Silva e Silva, Ângela Studart da Fonseca Vaz, Arline Souza de Oliveira, Elizabeth de Souza Ferreira da Rocha, Léa de Jesus Neves e Rosa Fuks.

Mantive sempre contacto com a Aydil durante 44 anos, ora estreito, ora mais espaçado e posso afirmar, baseado nesse longo convívio, tratar-se de alma simples, dedicada, sincera, amiga e muito rigorosa consigo mesma quanto à atividade científica. Mais entregue às tarefas educacionais, publicou um pequeno número de trabalhos, dos quais destacamos: Xyridaceae e Sapotaceae in A. Castellanos, Os tipos das plantas vasculares de herbário do Museu Nacional I. Bol. Mus. Nac. n. s. Botânica 28: 2-5 e 15-16, 1961. Pouteria psamophylla var. xestophylla (Miq. et Eichl) Baehni-Sapotaceae no litoral do Rio de Janeiro: um alerta de extinção, Atas Soc. Bot. Brasil, RJ 1, Suplemento; 1-8, 1983. Bumelia obtusifolia Roem. et. Schult. var. excelsa (DC) Miq. (Sapotaceae) ameaçada de extinção. Bradea 3 (28): 221-228, 1981.

Após a aposentadoria dedicou-se, quase que exclusivamente, à educação de sua filha adotiva Ivna, que teve o privilégio de usufruir um amor materno incomum nos nossos tempos de desvalorização dos laços familiares.

Os restos mortais da Aydil acham-se hoje no Cemitério São Francisco Xavier, Rio de Janeiro, bem próximo aos do Professor Alberto Castellanos, do qual seguiu as pegadas e teve a grata satisfação de sair deste mundo com o dever cumprido.

J. P. P. Carauta  
FEEMA, Serviço de Ecologia Aplicada  
Estrada da Vista Chinesa 741, Alto da Boa Vista,  
20531-410 Rio de Janeiro, RJ.

## ALBERTOA

Albertoa é um periódico destinado a publicar artigos, notas breves e crônicas sobre Botânica, Zoologia e Conservação da Natureza, divulgando-os em intercâmbio com bibliotecas especializadas de todo o mundo. Quando não receber contribuições de seu corpo técnico, nem da Associação Brasileira de Taxonomia Biológica, para completar 4 números anuais, serão, neste caso, aceitos trabalhos de fora. Somente serão aproveitados aqueles trabalhos cujos textos, gramaticalmente corretos, sigam a sintaxe da Língua Portuguesa e a ortografia oficial. O texto poderá também ser escrito em latim, espanhol, francês, inglês ou alemão. O título do artigo deverá ser objetivo, centralizado, com letras maiúsculas, sem abreviações, de preferência com até 10 palavras, referindo-se à natureza do tema e seu conteúdo. Devem ser excluídas expressões desnecessárias como estudo, observações, levantamento, contribuição, etc. Abaixo do título, à direita, deverá constar o nome completo do autor ou autores e, sob eles, o endereço completo. O resumo deverá ser claro e conciso, de preferência em estilo impessoal e num único parágrafo de 5 a 20 linhas e preceder a introdução. Nele devem constar frases sobre os resultados e conclusões. No final do resumo, indica-se, quando for o caso, o nome da entidade que subvencionou o trabalho e constando as palavras-chave. O resumo em inglês, francês ou alemão é precedido pelo título. A arte-final de cada página deverá estar com 12 cm de largura e, no máximo, 19 cm de comprimento.

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Denise Flores Lima, Dorothy Sue Dunn de Araujo, Henrique Ferreira Martins, Maria Celia Vianna, Norma Crud Maciel, Railda Batista Calmon e Roberto da Rocha e Silva.

COMISSÃO EDITORIAL: Rogério Ribeiro de Oliveira, Elizabeth de Souza Ferreira da Rocha e Cláudia Bessa Diniz de Menezes.

EDITOR: J.P.P. Carauta.